

ORGANIZADOR
ADEMIR PASCALE

VOL. IV

A CASA DA
Bruxa

CONTOS, MINICONTOS
E POEMAS



Selo Conexão Literatura

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-01-15896-9

2024

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- ECOS DAS CHAMAS, POR BRUNO NASCIMENTO COELHO, PÁG. 05
A BRUXA QUE RESIDE EM MEU SER, POR DAMILLE DIAS DE OLIVEIRA, PÁG. 10
SALOMÔNICA, POR FLAVIO JOPERT, PÁG. 12
FEITICEIRA ENCANTADA, POR NANDAH RIBEIRO, PÁG. 14
AS PEDRAS DO RIACHO, POR PAULO JOSÉ DE TARSO GOMES FERNANDES, PÁG. 16
MAGIA, POR PRISCILA BISSARO, PÁG. 20
A BRUXA, POR PRISCILA BISSARO, PÁG. 22
UM GATO ENTRE OS POMBOS, POR RENNAN TEIXEIRA DE ARAÚJO, PÁG. 24
ISABELE - PARTE I, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 28
ISABELE - PARTE II, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 33
TERRORES NA NOITE, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 38
NA BOCA DO LEÃO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 40
ERROS DE DIGITAÇÃO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 42
ASSOMBRAÇÃO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 44
BRUXA MAFALDA, POR AMANDA DE SOUSA CORDEIRO, PÁG. 46
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 48



ORGANIZADOR
ADEMIR PASCALE

VOL. IV

A CASA DA

Bruxa

CONTOS, MINICONTOS
E POEMAS

Selo Conexão Literatura



APRESENTAMOS O CONTO

ECOS DAS CHAMAS

POR BRUNO NASCIMENTO COELHO

Bruno Nascimento Coelho é bancário, advogado e brasileiro, nascido e criado na Capital, tenta, com a escrita, encontrar o verdadeiro sentido de seus pensamentos e explorar aspectos mais amplos de sua pessoa. Pessoa de poucas palavras, mas com sentimentos profundos e intensos sobre o que é a vida e o sentimento.



No ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1625, na pequena aldeia de Évora, em Portugal, cercada por densas florestas e colinas sombrias, o Tribunal do Santo Ofício se armava como uma sombra opressora, empoleirando-se sobre o destino dos inocentes.

Entre rostos pálidos e murmúrios temerosos, uma mulher de cabelos escuros e olhar penetrante estava prestes a enfrentar seu cruel destino. Ela era conhecida como Inês, a bruxa da floresta, e os rumores sobre seus antigos conhecimentos de ervas e poções a haviam transformado em alvo fácil para a ira da Igreja.

A praça central, local onde foi montado um palanque de madeira imponente com uma pira de sacrifícios e execuções, estava repleta de curiosos, muitos com medo, mas, estranhamente, uma centelha de esperança iluminava os olhos do jovem Miguel. Dias antes, ele havia enfrentado a morte, consumido por uma doença avassaladora que o deixara à beira do abismo. Foi Inês quem, à margem da floresta, lhe ofereceu um chá feito de ervas que, em sua fragilidade, havia trazido de volta a vida ao seu corpo debilitado. Agora, ele observava a mulher que salvara sua vida, prestes a ser condenada a uma morte horrenda.

Os inquisidores, com suas vestes escuras e olhares impassíveis, marchavam em direção ao centro da praça. O líder, um homem de mandíbula forte e olhos frios como pedras, começou a realizar o julgamento.

"Povo de Évora, escutai-me com atenção!

Neste dia sombrio, reunimo-nos em praça pública para testemunhar um ato de justiça divina. As trevas se infiltraram em nosso meio, e uma sombra maligna paira sobre nossa comunidade. Uma bruxa, criatura da noite e serva do diabo, foi capturada em sua vileza.

A mulher, aqui chamada Inês, com seus olhos que brilham como brasas infernais e sua língua viperina, teceu uma teia de mentiras e enganos. Ela invocou demônios, lançou maldições e semeou a discórdia entre nós. Seus feitiços causaram doenças, mortes e destruição, perturbando a ordem natural das coisas.

Mas não temerei! Pois a Igreja, com sua sabedoria e poder, está aqui para purificar nossa terra. Hoje, daremos início a um julgamento sagrado, onde a verdade será revelada e a justiça será feita.

Mulher ... você terá a oportunidade de confessar seus pecados e buscar a misericórdia divina. Mas se persistir em sua negação e em seus caminhos malignos, a ira de Deus recairá sobre você.

Testemunhas, tragam à tona as provas de seus crimes! Que a luz da verdade dissipe as trevas e exponha a verdadeira face dessa criatura abominável.

Que a justiça divina seja feita!"

As palavras caíam como lâminas afiadas, e Miguel sentiu seu coração pulsar contra seu peito. A injustiça da situação o consumia, e uma urgência gritante o empurrou para frente, até que não conseguiu mais ficar em silêncio.

Ele se lançou na frente da multidão, a voz tremendo junto com a determinação ardente em seu peito.

"Inês não é uma bruxa! Ela é uma curandeira! Salvou minha vida!"

A tensão na atmosfera aumentou, e olhares curiosos e preocupados se voltaram para ele.

"As verdadeiras bruxarias estão na ignorância e na sede de sangue de vocês! Ela é inocente! O que vocês pedem não é justiça, mas um sacrifício para alimentar sua própria crueldade!"

Mas suas palavras caíam sobre corações endurecidos. A multidão, dividida entre a compaixão e o medo, começou a gritar, e a voz de Miguel se perdeu em um coro de intolerância.

Ignorando solenemente seus apelos, o inquisidor chefe então decide:

"Silencio, camponês insolente! Tua fé cega te impede de enxergar a verdade. A maldade desta criatura é evidente para todos que possuem um pingo de juízo. Tu, com tua juventude e ingenuidade, não compreendes as profundezas do mal que habita este mundo.

E você, Amante do Demônio, tu desafiaste a ordem divina e pagará por teus crimes. As forças das trevas que te servem não poderão te salvar agora.

Que a justiça seja feita! Inês, de Évora, eu te condeno à morte na fogueira. Que as chamas purifiquem esta terra da tua maldição!"

O inquisidor bate com força seu cajado dourado no chão de seu palanque, fazendo-a um exemplo cruel daquela que se atreveu a desafiar suas crenças. Assim, a fogueira foi acesa, os troncos crepitando em expectativa voraz. A bondade consumia em chamas azuis e sedentas, como se o inferno estivesse se abrindo.

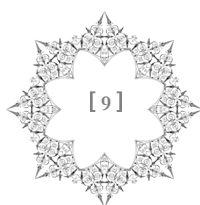
Inês foi amarrada e, quando as chamas começaram a iluminar seu rosto, ela encontrou os olhos de Miguel. Havia tristeza neles, mas também algo quase transcendental – uma aceitação. "Não se lamente pelos aros dos outros," ela pronunciou firmemente, mesmo enquanto o calor começava a obter sua tributação. "Não se culpe pelo ódio alheio. Você não é responsável pelo sentimento daqueles que não entendem. Faça o bem apenas pelo bem em si."

Essas palavras ecoaram na mente de Miguel enquanto as chamas consumiam a mulher que salvara sua vida. O desespero e o arrependimento se entrelaçavam em sua alma, enquanto ele recuava para a floresta, agora um espectador impotente de uma humanidade que mal conhecia a compaixão. Roendo seu coração, ele buscou a solidão, longe da crueldade de um mundo que não merecia o calor de suas lágrimas.

Em meio à imensidão verde das árvores, Miguel buscou refúgio, vivendo em reclusão, atormentado por lembranças da mulher que transformara sua existência. As palavras de Inês tornaram-se sua mantra, mas, em sua solidão, ele sentia seu espírito fragmentar-se. Ele questionava se havia algum bem a ser feito em um mundo tão sombrio, se ainda havia esperança entre as cinzas da intolerância.

O tempo passou, e as estações mudaram, mas a marca da fogueira nunca deixou sua alma. As lições de Inês o acompanharam, um farol de sabedoria em uma existência marcada pelo desespero e pela dor. Embora vivesse em silêncio, ele decidira que sua vida seria em homenagem àquela que fora tão injustamente tomada.

Assim, com o sussurro do vento entre as árvores e o eco do passado sempre presente em seu coração, Miguel dedicou seu ser a fazer o bem. Ele se tornou um guardião das florestas, um curador do que restava de humanidade naquela terra desolada. E em cada folha que caía ao chão, ele escutava a voz de Inês: "Faça o bem apenas pelo bem em si."





APRESENTAMOS O POEMA

A BRUXA QUE RESIDE EM MEU SER

POR DAMILLE DIAS DE OLIVEIRA

Damille acredita na magia natural, nos benefícios das terapias holísticas. É reikiana e uma adepta aos óleos essenciais e chás com ervas e flores. Ela é baiana, professora graduada em Letras e Pedagogia e na infância costumava escrever poemas e outros textos. Durante um período de sua vida acabou parando de escrever, mas recentemente voltou a dedicar um tempo à escrita. Gosta de escrever poemas com temas diversos, geralmente são inspirados em seu cotidiano.



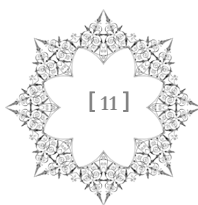
Acredite se quiser,
Existe uma bruxa em toda mulher.
A magia nos contagia
E no dia a dia fazemos feitiçaria.

Mas é preciso esclarecimento
Sobre tais envolvimentos.
Pois existem julgamentos
Sem fundamentos.

As bruxas existem em todo lugar,
As bruxas existem em cada lar.
Eu sou uma bruxa natural,
Nas minhas poções uso óleo essencial.

A bruxa natural usa tudo ao seu redor.
Da energia natural,
Até as plantas do quintal,
Guardam a essência da magia real.

Ouçã o mundo ao meu redor,
Ervas e flores, colhidas ao amanhecer,
A bruxa sabe como o poder conter.
Abra o seu coração,
E aceite o poder
Que existe dentro de você!





APRESENTAMOS O POEMA

SALOMÔNICA

POR FLAVIO JOSSERT

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



“De quando o desejo de posse ultrapassa os horizontes da vida”

Quero matar
esse menino,
para ver se ele
volta meu filho.

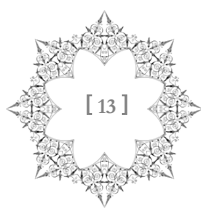
Justiça ou amor?
Justo amor!
Insana
Injustiça.

Sendo cobiça,
como Abraão.
Uma vez morto
será meu ou não?

O sacrifício
por amor
ou justiça,
sentido de dor

Uma vez morto
será ilusão
em meus braços
retornar.

“Ele sempre foi o filho que eu queria ter mas não tive,
e o outro sempre foi um desgosto para o pai, no destino
não se compreende justiça”





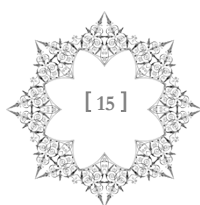
APRESENTAMOS O POEMA FEITICEIRA ENCANTADA

POR NANDAH RIBEIRO

Nandah – com h no final. Filha do fogo, sagitariana, com o nome de nascença que significa ousada para alcançar a paz, não fosse ela um caos. Descrita como intensa por todos e por si. Meio sereia: mergulha fundo no que apaixonou. Carioca, 23 anos, graduada em licenciatura em Letras-Ingês e em pós-graduação em Edição e Gestão Editorial, professora de língua inglesa, aficionada por literatura inglesa e rabiscadora de versos que vazam sua alma. Está nas redes tanto como @nandah.ribeiro e @literatunandah, seu espaço onde esboça e fala de livros.



No Salém de sua sala,
A jovem bruxa chorava
Nas suas mãos a taça
A poção suprema envenenada
Aquele dos corações quebrados:
Rubro e tinto, descia o vinho
Vinha à mente o que aquele
Caçador lascivo havia feito
Apaixonara a bruxa
E a deixara a voar só
Pois temia ter sido enfeitado
Um predador não podia ser domado
A jovem bruxa copiosa chorava
Nunca nem na varinha pegara
Sem magia deu o seu coração
Para ser espetado pela do caçador
A adaga.





APRESENTAMOS O CONTO AS PEDRAS DO RIACHO

POR PAULO JOSÉ DE TARSO GOMES FERNANDES

Nascido em Ponta Grossa, é casado, pai de duas crianças, oficial da reserva do exército brasileiro, formado em marketing e propaganda pela Uninter. E desde 2008 é produtor rural no interior do Paraná. Consumidor assíduo de filmes, livros e revistas. Escritor novato.



Sabe aquela pessoa que todos na cidade dizem ser louca? Aquela que todos dão apelidos, ignoram e xingam na rua. Bem... essa é a sua história.

Alguns a chamavam de bruxa, outros de mulher do saco e os mais antigos a chamavam de mulher púrpura (devido a suas roupas sempre serem desta cor). Ela alegava que a família dela há séculos protegia a cidade e seus moradores. E assim diante desta dívida secular, ela cobrava os residentes locais pedindo alimentos, doações ou qualquer coisa que pudessem lhe dar.

As crianças fugiam dela quando ela surgia pelo caminho, e quando alguém a chamava de bruxa ou algo pejorativo, ela prontamente respondia e até entrava em vias de fato com quem ousasse ofender sua honra.

Certa vez dois conhecidos encenqueiros da cidade, chamados Jonas e Miguel, decidiram ir até a casa da mulher púrpura e pregar-lhe uma peça. Ela morava em um bosque afastado da cidade e não tinha vizinhos próximos. O que tornava tudo perfeito para os dois rapazes que pretendiam fazer um vídeo da brincadeira e ficarem famosos pela “coragem” de ir até lá enfrentar a bruxa na sua casa.

Ao cair da noite os dois partiram em direção ao bosque que ficava uns 30 quilômetros da cidade. Durante todo caminho pareciam estar nervosos e trêmulos. Depois de uma hora rodando em estradas de terra, chegaram até o ponto máximo que um carro poderia ir.

Agora iriam se embrenhar mata adentro no meio da escuridão e iriam andar por quase duas horas até chegar na casa da suposta bruxa. No caminho tudo parecia normal e então chegaram em um pequeno riacho que parecia refletir a lua nas suas pedras e possuía uma transparência perfeita. Avistaram várias pedras empilhadas de forma exótica formando alguns símbolos e desenhos que não conheciam. Eles concluíram que era coisa da bruxa e prontamente começaram a filmar e empolgados chutaram as pedras e fizeram a maior algazarra. Deram muitas risadas e saíram da água, pois mesmo sendo uma noite de verão estava começando a ficar frio. Depois de alguns minutos avistaram uma casa de aparência singela, no meio de muitas flores, algumas árvores frutíferas e isso era tudo que não esperavam encontrar lá.

Ao chegarem em frente à porta ouviram uma voz lhes dizendo para entrarem, pois eram bem-vindos. Jonas que era um pouco mais corajoso prontamente entrou, já Miguel ficou um pouco para trás. Neste momento a mulher púrpura surgiu muito angustiada e com

o olhar penetrante e começou perguntando a eles, se ao cruzarem o riacho tinham feito alguma coisa com as pedras que estavam lá.

Jonas respondeu que tinham derrubado algumas pilhas de pedras, mas que era brincadeira, nada grave. O clima que antes quase parecia amigável, mudou rapidamente e a expressão da mulher púrpura se transformou completamente quando disse em tom ameaçador:

— Vocês romperam um dos selos que protegem a todos nesta cidade! Um mal antigo está contido deste lado do rio e eu sou a guardiã! O que vai acontecer nas próximas horas vai ditar o destino de todos nós. Vocês vieram aqui com intenções estúpidas e agora terão de me acompanhar para podermos restaurar a grande besteira que fizeram. Temos pouco tempo, antes do dia raiar devemos ir até o riacho e devemos realizar um ritual de restauração.

Após ouvirem isso, os dois deram risadas e saíram correndo, não acreditaram em nada que ouviram, porém após uns cem metros o tempo mudou e a trilha parecia confusa e sombras se moviam ao redor deles. E então em meio a fumaça e fogo surgiu um ser cinzento com asas negras reluzentes e olhos de fogo vivo e o grito que aquela coisa deu podia ser ouvido por vários quilômetros.

Os dois correram como loucos em direção a casa da bruxa, que deixou a porta aberta para que eles entrassem rapidamente. Ao passarem pela porta uma grande explosão pareceu ser contida pela luz que emanava das mãos da mulher púrpura, o ser cinzento forçava sua entrada e era contido por uma espécie de campo de força que a bruxa lançava contra ele. Aquele embate de energia, cores e luzes durou quase cinco minutos e pareceu deixar os dois esgotados.

Jonas e Miguel não conseguiam acreditar no combate épico que presenciavam, ali a poucos metros deles as forças do bem e do mal travavam a mais feroz das lutas através daqueles dois seres! Finalmente a bruxa púrpura conseguiu incapacitar temporariamente a fera violenta alada.

Ela então entregou aos rapazes uma pequena bolsa de couro e disse :

— Rápido! Vocês devem ir até o riacho e ler as palavras deste pergaminho! As pedras irão se alinhar novamente e mais uma vez prenderá esse mal. Precisamos conter este mal que a tanto tempo assola nossa terra! Não conseguirei segurar ele por muito tempo! Vão!

Eles pegaram a bolsa e correram o mais rápido que puderam, quando chegaram no riacho ouviram uma explosão e gritos de dor que pareciam ser da mulher púrpura. Jonas desesperadamente começou a abrir a bolsa enquanto Miguel vigiava a estrada. Estava tudo em latim. Esforçou-se, leu várias vezes e nada aconteceu, até que no meio da névoa o ser cinzento surgiu voando e guinchando, o ataque mortal era certo. Jonas gritou a plenos pulmões as palavras que estavam no pergaminho! Então as pedras magicamente se alinharam e formaram padrões inexplicáveis, uma luz forte saiu delas e acertou o ser em cheio despedaçando-o em partículas etéreas, criando um verdadeiro show de fogo e luzes! A fera estava morta. E o riacho mais uma vez selava a prisão daquele mal secular.

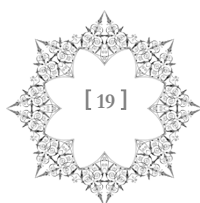
Voltaram até a casa e viram que a mulher púrpura estava em seus momentos finais. Ela havia se sacrificado por todos da cidade. Antes de se entregar ao fim, disse a Jonas:

— Ninguém nunca deve saber o que aconteceu aqui. Você é o novo guardião e deve honrar seu dever sagrado. Ao dizer as palavras no riacho você tomou meu fardo que já durava mais de duzentos anos. Dentro da casa nos livros encontrará os passos iniciais para desempenhar este papel tão importante. Existem outros iguais a nós e você deve achar um guardião que ajude com tudo que não tive tempo de te ensinar. Você deverá partir por 50 anos e só então retornar a este lugar para assumir seu posto...

Foram suas últimas palavras. Jonas perplexo olhou para Miguel e disse a ele para ir embora e inventar alguma história, pois ele não iriam mais voltar e seu turno como guardião estava apenas começando. Despediram-se efusivamente, e como grandes amigos que eram prometeram se reencontrar um dia.

Na cidade aos poucos as pessoas foram esquecendo do sumiço do jovem e da mulher púrpura, que muitos diziam ter morrido de tanto beber e por ser maluca. Mas Miguel sabia a verdade. A mulher púrpura, nunca foi maluca ela era uma heroína e seu amigo Jonas também.

O tempo passou e um dia quando Miguel já tinha seus sessenta e poucos anos. Ouviu seu nome no meio da rua... era uma voz conhecida. Ele olhou para trás e viu seu amigo Jonas com a mesma aparência de quando tinham dezoito anos. Os dois sorriram, acenaram um para o outro. E Miguel teve certeza que seu amigo estava bem e agora era o guardião do riacho.





APRESENTAMOS O POEMA

MAGIA

POR PRISCILA BISSARO

Priscila Bissaro, mineira de Lavras, tem 45 anos, mora no Rio de Janeiro, é Bióloga e militar do Exército. Ama a natureza, os animais e a literatura.

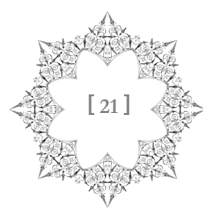
Faz parte dos Escritores Capixabas, pela Associação Capixaba de Cultura e Arte (AACC) e dos Escritores Admiráveis, da LC Assessoria e Marketing.

Possui três livros publicados, cinco prêmios literários e três antologias.

Determinada, não desiste de seus sonhos.



Há um mundo de escolhas lá fora
Entregue seus pensamentos e siga
Mexa-se e busque a verdadeira magia
O tempo não apaga os sacrifícios
Verdades são apenas fatos conceituais
Pessoas vazias sempre estarão ao seu lado
Invoque pelo perdão e glorifique o medo
O mundo não se apoia nos fracos
Deixe subentendido apenas as críticas
Misture o drama e repita o terror
Derrote seus medos e amadureça
Escolha um caminho e persista, grite!
Pare o tempo e minute uma outra vida
Hipócritas são aqueles que fingem sorrir
Use as chamas e conquiste o céu
Apague aqueles não deixam marcas
Refaça a mágica e misture o ódio e o temor
Conjure o horror e subtraia apenas a dor
Arrisque-se e contamine a alegria perdida
Não seja vítima de seu destino sombrio
Estilhace vidraças e supere o etéreo
Feitiço!





APRESENTAMOS O POEMA

A BRUXA


POR PRISCILA BISSARO

Priscila Bissaro, mineira de Lavras, tem 45 anos, mora no Rio de Janeiro, é Bióloga e militar do Exército. Ama a natureza, os animais e a literatura.

Faz parte dos Escritores Capixabas, pela Associação Capixaba de Cultura e Arte (AACC) e dos Escritores Admiráveis, da LC Assessoria e Marketing.

Possui três livros publicados, cinco prêmios literários e três antologias.

Determinada, não desiste de seus sonhos.



Será que toda bruxa é má?

Era uma vez...

Minerva morava no bosque encantado, em meio as árvores vermelhas, num chalé solitário todo feito de pedras e cercado de arbustos secos e contorcidos pelo tempo. Perto, o penhasco da cachoeira da lua.

Vivia feliz!

Toda manhã, fazia uma pilha com pedaços de lenha cortados com seu machado mágico, para aquecer o caldeirão negro que ficava pendurado na velha lareira, em seguida, assobiava para Margot, sua gata preta, que descia rapidamente do telhado e a acompanhava pela trilha junto ao chalé, buscando por plantas e raízes para preparar suas poções mágicas.

Passavam horas percorrendo o bosque e cantarolando com os pássaros.

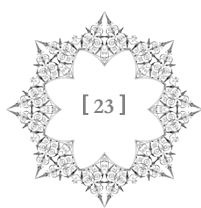
Mas essa alegria durava pouco. Todos os dias, ao entardecer, quando a luz do sol cintilava as águas da cachoeira da lua, Minerva se transformava.

Uma energia do mal a fazia lançar feitiços nos moradores da cidadezinha próxima ao bosque, tirando a felicidade de seus corações e fazendo-os ficarem imóveis com os olhos cheios de lágrimas.

Lágrimas essas, que eram colocadas num cristal e que eram levadas à cachoeira, numa tentativa de se libertar da maldição.

Mas, numa tarde de outono, algo aconteceu!

Margot foi acidentalmente atingida pelo feitiço, causando desespero e aflição em Minerva, que abraçou forte a gata em seus braços e chorou. As lágrimas foram a sua libertação. As águas da cachoeira borbulharam e uma névoa cobriu todo o lugar dissipando o feitiço de Minerva, uma bruxa boa.





APRESENTAMOS O CONTO

UM GATO ENTRE OS POMBOS

POR RENNAN TEIXEIRA DE ARAÚJO

Nascido na cidade de Iguatu, interior do Ceará, o autor teve sua primeira obra ‘‘ Riscos Duplos ‘‘ publicada em 2017 e a coletânea de contos intitulada ‘‘ Contos e encontros ‘‘ em 2020, ambas pela editora Multifoco. Graduado em Medicina pela Universidade de Fortaleza, em 2016, tem especialização na área de Pediatria.



O sol se despediu naquela tarde de domingo, sendo substituído por um céu noturno repleto de constelações. Num auditório lotado, as inscrites chegavam pouco a pouco, amontoando-se em torno do palco central. Todas seriam as estrelas da noite.

Uma mulher de cabelos curtos e de olhos esverdeados, que carregava um gato preto, assinou a lista de presença e entrou. Enquanto observava o ambiente, distraída, esbarrou em uma mulher alta e ruiva.

— Desculpe, estava tão entretida com tudo que não te vi. É a minha primeira vez na Convenção. Sou Diana e esse é meu gato Belzebu.

— Muito prazer, também sou nova por aqui. Me chamo Margareth. Conheci há pouco duas que são novatas como nós, elas estão logo ali na frente.

Elas se aproximaram das outras recém-chegadas. A primeira a se apresentar foi uma mulher baixa, que tinha olhos miúdos e que usava um chapéu colorido, contrastando com os trajes negros quase unânimes entre as presentes.

— Prazer, me chamo Violeta, estou surpresa com a quantidade de colegas e com a organização do evento.

A última componente do quarteto tinha cabelos grisalhos e pela morena. Com explícita seriedade, parecia poupar as palavras.

— Sou Ruth, olá.

Todas trocaram apertos de mãos após as apresentações.

De relance, Violeta espirrou, o que atraiu muitos olhares.

— É só um resfriado leve, não se preocupem comigo.

— Na verdade a preocupação da maioria delas é com o próprio umbigo — afirmou a simpática Margareth.

Parte das luzes se apagaram e uma luz vermelha foi direcionada para o centro do palco, onde surgiu uma mulher careca, com feições grosseiras, caracterizadas por um nariz e olhos extremamente grandes. Após uma onda de aplausos, todas fizeram silêncio para ouvir a mulher em evidência.

— Sejam bem vindas. Sou Elvira e é com muita satisfação que declaro aberta a Convenção Anual das Bruxas. Sempre é um momento para colocar as conversas em dia e compartilhar experiências. Mais tarde participaremos da mostra de porções mágicas e a melhor delas será premiada.

Uma outra bruxa subiu no palco às pressas e sussurrou algo no ouvido da líder.

O sorriso se apagou na face maligna e ficou transparente um quê de aflição.

— Acabo de ser informada, por fontes seguras, que uma humana comum se infiltrou nessa convenção para nos espiar. Temos colegas legítimas que comparecem ao evento há décadas, mas também temos dezenas de novatas. Precisamos descobrir quem é o gato entre os pombos.

Um grito de espanto se espalhou entre a plateia feminina.

— Mas como descobriremos? — indagou uma das presentes.

Elvira cruzou o palco, ao passo que pensamentos fervilhavam em sua mente.

— Para começar acendam todas as luzes e bloqueiem as saídas.

Durante a ação que seguiu as ordens, uma mulher foi barrada quando já estava deixando o local. Era uma morena, de cabelos grisalhos. Conduzida até o palco, ficou frente a frente com a líder. Três outras novatas em especial acompanhavam a ação.

— Muito bem, diga seu nome, porque saía às pressas e se é a intrusa.

— Claro que não sou intrusa. Sou Ruth Banks. Estava me retirando porque não suporto aglomerações em ambiente fechado, fico sufocada, não me sinto à vontade. Não imaginei que haveria tantas colegas quando me inscrevi.

— Pois terá que provar que é uma bruxa legítima. Faça um feitiço na frente de todas, agora!

Nervosa, a acusada olhou fixamente para uma maçã que estava sobre uma mesa, apontou o dedo indicador e o moveu em movimentos circulares. Subitamente, a fruta se transformou num camundongo.

Após alguns aplausos, as novatas da noite passaram a ser convocadas uma a uma no palco para demonstrar os seus poderes. No final, restaram apenas três, que tinham se

conhecido há pouco tempo: Margareth, Diana e Violeta. A chamativa mulher de chapéu colorido subiu no palco e foi pressionada para fazer um feitiço.

— Por que duvidam de mim? Por acaso tem a ver com meu chapéu? Sou uma bruxa moderna.

Muitos objetos foram postos em sua frente e dezenas de tentativas foram feitas para demonstrar a magia, sem sucesso. A culpada estava descoberta.

— Quando estou doente meus poderes enfraquecem. Acreditem em mim, sou inocente — disse, espirrando em seguida.

Margareth e Diana acompanharam, surpresas, enquanto a nova amiga foi levada do local, amarrada. As duas passaram mais um breve espaço temporal no evento, tendo saído antes da mostra de porções mágicas.

Após se despedir da bruxa ruiva, Diana caminhou até um carro estacionado em um ponto reservado. Colocou o gato preto, cujo nome verdadeiro era Serafim, no banco traseiro. Carregar o animal tinha sido essencial para bloquear a visão do celular com o qual fez a foto da lista dos nomes das bruxas presentes. Tinha escapado por um triz. A sorte estava do seu lado e fizera uma bruxa doente com poderes prejudicados ser capturada no seu lugar. Ninguém descobriria que ela era a verdadeira intrusa.





APRESENTAMOS O CONTO

ISABELE – PARTE I

POR ROBERTO SCHIMA

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com as revistas LiteraLivre e Obook. Escreveu: "Pequenas Portas do Eu", "Limbographia", "Tio Vampiro", "Vozes e Ecos" etc. Participou de mais de trezentas e trinta antologias. Contato: rschima@bol.com.br



Seu nome era Isabele.

Segundo afirmavam, vinha do hebraico e significava *pura*.

Ela vivia numa cabana de madeira em meio à floresta, afastada de tudo e de todos.

Por quê?

Boatos diziam que, quando moça, Isabele fora a mais bonita da vila de El Chismear, alegre e festeira, porém, uma desilusão amorosa fizera murchar a flor de sua juventude e ela, despetalada e tomada pela vergonha, isolara-se da comunidade.

Ela não ia mais até a vila.

Ninguém se aproximava de sua cabana.

Muitos até esqueceram-se de sua existência. Nem todos, porém. Aqueles que se lembravam, diziam que ela conversava com as árvores, os animais e até os elementos. Seu fogão era à lenha e, de lá, partiam odores esquisitos. Então, alguém cochichou:

— Ela é uma bruxa!

Ah, sim, de sua reclusão até chamarem-na de bruxa fora somente um passo.

Contudo, se ousassem chegar mais perto, veriam que, apesar dela contar atualmente quarenta e dois anos, ainda era uma bela mulher. Judiada sim. Esquiva com certeza. Porém, conservava as linhas que fizeram-na tão admirada. Falava com as lebres e os pássaros por não ter companhia humana com quem compartilhar seus pensamentos. E preparava suas sopas utilizando-se de ingredientes que conseguia colher na floresta: raízes, ervas, bagas, cogumelos, ovos e frutos.

E perguntavam:

De que modo vivia?

Teria alguma amizade?

Como suportava a solidão.

Quem lhe pagava as contas?

De onde extraía o seu sustento?

As carolas da vila de El Chismear não paravam de questionar como se nada mais no mundo tivessem para fazer além de bisbilhotar a vida alheia, principalmente de uma mulher tão estranha e que tanta inveja um dia despertara em suas iguais. A língua era um chicote cruel nas bocas desdentadas. A fealdade por ela destilada era superior a qualquer privação de beleza física e ia de encontro à podridão da alma.

Não tardou para que alguns curiosos desafiassem sobre quem iria espionar a bruxa. Começaram a se embrenhar na mata e vigiar a mulher solitária a distâncias cada vez mais curtas, sem darem a perceber.

Certa tarde, um deles, de nome Pablo, cuja vez de ir até as proximidades da cabana chegara, rastejou sem muita discrição e escondeu-se atrás de um tronco caído a uns vinte metros de distância. Seu coração estava disparado, dilacerado por sentimentos opostos. De um lado, nutria um temor supersticioso pela mulher, afinal, feitiçaria era coisa séria. Podia destruir plantações, matar o gado, fazer as pessoas adoecerem e, até, morrerem. De outro lado, porém, ele era um dos homens que conhecera Isabele quando o encanto da mocidade fizera parte da vida dela e por ela se apaixonara. Mas, não bastasse a sua timidez para se declarar, o coração da moça já pertencia a outro rapaz, um forasteiro da cidade grande que viera somente para parti-lo em pedaços e, em seguida, ele próprio partira para jamais retornar. Diziam que ele a engravidara e, por isso, fugira e Isabele escondera-se na mata a fim de não ser alvo de censura por parte dos mais velhos.

Ainda faltava em torno de duas horas para escurecer, entretanto, devido às árvores, havia uma penumbra permanente em torno da cabana. Sentia-se a umidade no ar. E o frio.

Pablo estreitou os olhos a fim de enxergar melhor o que se passava.

Aparentemente, Isabele — curvada sobre umas moitas —, colhia mirtilos num cesto de palha. Ela usava uma saia comprida de tecido grosseiro e uma camisa larga de mangas compridas. Os cabelos longos, presos num coque no alto da nuca, pincelavam-se de mechas grisalhas.

Apesar dos trajés sóbrios, do branco nos cabelos e das rugas precoces da mulher, Pablo sentiu o coração bater mais forte. Ainda a amava. E, lá no fundo, continuava o rapazola envergonhado, temeroso de uma rejeição, que sonhava em fazer parte de um grupo *mariachi* a fim de impressioná-la. Admirava o contorno das nádegas de Isabele quando, subitamente, escutou alguma coisa. Isabele também ouviu, pois se virou bruscamente em direção à cabana.

Pablo arregalou os olhos ao perceber novamente o som.

"Não é possível!", pensou.

Mas o som voltou outra vez e a mulher largou o cesto com mirtilos e correu para dentro de casa.

"Um choro de bebê!"

As sombras aparentaram derramar-se ainda mais sobre a floresta. Ruídos foram percebidos nos arredores. O ar tornou-se mais denso e frio.

Pablo, temendo animais selvagens e a escuridão que se aproximava, saiu de lá o mais depressa possível, ansioso por contar a grande novidade.

Como ela podia ter um bebê?

De quem seria a criança?

Quem seria o pai?

O barulho a sua volta se tornou maior. Na mente de Pablo emergiram imagens de fantasmas, lobisomens, vampiros, mortos-vivos... A Chorona! Então, ele correu a toda velocidade, de volta para a vila, enquanto implorava proteção à *Santa Muerte*.

Na manhã seguinte, domingo, foi correndo até a mercearia de Manolito, que também funcionava como bar, contar a novidade. Pediu mecanicamente sua habitual tequila ao dono do lugar, sem se dar conta de que os anos de frustração tornaram-no menos um *mariachi* e mais um alcoólatra. E, entre um trago e outro, falou:

— Estou dizendo, José... Era um bebê!

— Como isso é possível, Pablito? Ela vive sozinha há anos!

— Ela é uma bruxa — disse outro. — Com bruxa, tudo é possível.

— Isabele não é bruxa, Esteban — protestou Pablo. — Não é...

Esteban e José trocaram olhares apiedados. Ambos sabiam dos velhos sentimentos do amigo para com a mulher da floresta.

Enquanto terminava a bebida, sentindo prazerosamente a queimação correr goela abaixo, Pablo completou:

— Mas de onde virá essa criança?

Uma senhora de meia idade aproximou-se. Os saltos de seus sapatos batucaram no piso de tábuas. Ouvidos aguçados, ela não deixara de perder uma única palavra sequer. Entretanto, mais afiada do que eles era a língua e, sem resistir, tratou de dar a sua opinião em alto e bom som:

— É uma criança do inferno! A feiticeira gerou sem homem... Veio do diabo!

— Ela não é feiticeira! — bradou Pablo, erguendo-se da cadeira e arrependido por haver contado o que vira e ouvira na mata. — Não é!

A mulher não se deixou intimidar. Quando mocinha, também tivera uma queda pelo tal forasteiro, porém, esse só se interessara por Isabele... Isabele! Como se não bastasse ela tirar as melhores notas na escola. Depois de tudo, a explicação para várias coisas só

poderia uma: feitiçaria. Quem sabe, até o próprio sumiço do rapaz tivesse a ver com magia... Magia negra! Destilando toda a sua inveja e rancor, lembrou uma conhecida lenda local:

— Toda criança nasce pura... Não é o que suas avós diziam? É o mais perto que um ser humano pode chegar de ser um anjo. Quando ouviu o choro era quase noite você disse? Um bebê não pode chorar, principalmente à noite. Sua pureza atrai os espíritos malignos, criaturas para além do umbral. Seu choro de um tom especial torna-se um chamariz para os espectros na escuridão. Você mencionou sons nos arredores que aumentaram, não foi? Quem sabe, não seriam coisas do outro mundo se aproximando, buscando extrair energia da criança para, assim, fortalecerem-se, conseguir permanecer neste plano e, daí, realizarem seus intentos inomináveis? E, em sendo uma criança da perdição, pior ainda! Em vez de pureza, é o próprio mal encarnado, ela é o próprio portal que trará a destruição desta vila!

Pablo perdeu a paciência:

— Se há uma perdição por aqui é essa sua língua de víbora, Dona Guadalupe! A senhora e suas comparsas é que são o mal encarnado, as criaturas malignas de que fala.

A mulher recuou dois passos como se tivesse sido esbofeteada. Olhos arregalados, ela fez o sinal da cruz e foi embora da mercearia. Não sem antes gritar:

— Você foi enfeitado pela bruxa!

E proferiu uma sucessão de impropérios enquanto se afastava.

Pablo pediu mais uma dose de tequila.

— Dupla, Seu Manolito. Melhor ainda, traga-me a garrafa!

José e Esteban deram-lhe tapinhas nos ombros para que se acalmasse.

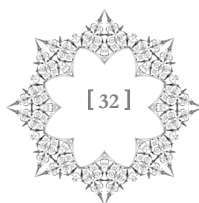
— Não dê atenção a ela, homem.

— Sim, é só uma mal amada.

— Verdade. É falta "daquilo" entre as pernas.

E riram.

(CONTINUA)





APRESENTAMOS O CONTO

ISABELE – PARTE II

POR ROBERTO SCHIMA

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com as revistas LiteraLivre e Obook. Escreveu: "Pequenas Portas do Eu", "Limbographia", "Tio Vampiro", "Vozes e Ecos" etc. Participou de mais de trezentas e trinta antologias. Contato: rschima@bol.com.br



Manolito, o dono da mercearia, viúvo de cinquenta anos, veio trazer a bebida e intrometeu-se na conversa. Bateu a base da garrafa na mesa e esbravejou:

— Eu sempre fui contra essa brincadeira de vocês. Irem até lá na floresta espionar Isabele como um teste besta de coragem. Isso lá é ser homem? E um bando de velhos! Vejam só o que arrumaram. Logo, a vila inteira só falará nisso por causa daquela doida varrida da Guadalupe. Só falta afirmarem que Isabele é culpada da seca também! Não sabem no perigo que podem ter metido a infeliz criatura?

A seca recente havia afetado a lavoura de milho da região. Além do fardo econômico, privara o gado de ração e agora, esqueléticos, os animais vagavam atrás da grama seca pelos campos. Muita gente perdeu o emprego e andava com os nervos à flor da pele, somente atrás de um pretexto.

— O senhor tem razão, Seu Manolito — disse o mais novo dos homens, Esteban. — Não tínhamos a intenção.

— Nunca ninguém tem! — retrucou o dono do lugar. — Com ações, você podem ter causado tanto dano quanto aquela mulher está prestes a fazer com a boca.

— Tudo bem, Seu Manolito — falou José. — Estamos arrependidos, não é o bastante? Não iremos mais espioná-la... Pra que tanta bronca?

Em vez de responder, Manolito depositou um olhar severo sobre Pablo, o qual terminara de beber mais um copo de tequila e, infeliz, afundara a cabeça entre os braços. Murmurou:

— Só espero que o pior dos males já não tenha sido feito.

As palavras do dono da mercearia foram proféticas.

Não tardou para que um bando de gente, principalmente lavradores e carolas, surgisse através da rua principal da vila de El Chismear. Erguendo uma nuvem de poeira atrás de si, as pessoas gritavam:

— Fora, sua bruxa!

— Expulsem-na daqui!

— Queimemos a cabana dela!

— Queremos nosso milho de volta!

— Chega de espíritos malignos na vila!

Manolito tornou a voltar-se para os três homens.

— Agora estão satisfeitos? — Apanhou umas coisas debaixo do balcão e saiu correndo, largando o comércio do jeito que estava.

Enquanto eles viam o homem desaparecer a cavalo, Esteban resmungou:

— Que diabo deu no velho?

José ergueu os ombros.

— Quem sabe?

Pablo nada disse. Em meio à névoa etílica que o cercava, observou Seu Manolito cavalgar e cavalgar até transformar-se em um pontinho escuro. Por fim, diluiu-se em sua própria poeira. O único pensamento que Pablo teve de dentro de sua infelicidade foi:

"Ele está indo para a floresta."

Manolito seguiu pela mata através de trilhas que somente ele conhecia. Chegou à cabana de Isabele esbaforido e amarrou seu cavalo num galho de árvore próximo.

— Isabele! — gritou, abrindo a porta sem cerimônias. — Isabele!

A mulher, ao lado do berço da criança, ergueu o rosto, assustada.

— Manolito? O que foi?

Ele a abraçou.

— O dia que eu mencionei chegou. Pegue suas coisas, depressa! Vamos fugir daqui.

Isabele, trêmula, apanhou o bebê que começou a chorar.

— Por favor, faça nosso filho aquietar-se — implorou Manolito. — Eles ouvirão.

— Por que não nos deixam em paz?

— Por que eles não têm paz, Isabele.

— E para onde iremos?

— Para La Misericórdia, conforme conversamos. É uma vila maior, de pessoas mais civilizadas. Este lugar esquecido por Deus já deu tudo o que podia dar. — Beijou-lhe a testa. — E tirou mais do que devia. Não podemos mais guardar segredo. Eu trouxe as economias de uma vida. Daremos um jeito. Vamos, depressa!

Estavam saindo quando, ao longe, perceberam os revoltosos. Estes também os viram e aceleraram seus passos, archotes e instrumentos agrícolas nas mãos. A luz da razão não era visível através do ódio cego.

— Peguem os bruxos! — alguém berrou.

Voz de mulher...

... Dona Guadalupe.

Desesperado, o bebê ainda chorando no colo de Isabele e ambos no lombo do cavalo, Manolito sacou seu revólver e fez pontaria. Hesitou.

"*ATIRE!*", ouviu a voz em seu cérebro.

Atarantado, deu um tiro de advertência.

Ouviu-se um grito, e a turba enfurecida parou.

Isso deu tempo a Manolito para fugir com sua Isabele e a criança.

Por muito tempo, ele mantivera segredo de seu relacionamento com ela. Medo dos mexericos. Medo da maldade daquela gente tosca, especialmente as carolas. Ele chegara à vila fazia quase dez anos e montara o seu negócio. Ninguém o reconheceria, principalmente as mulheres. Os caminhos da vida tinham-no mudado e moldado tanto física quanto interiormente. Por anos, procurara por aquela a quem amara e que, num medo súbito e imaturo em assumir compromisso, abandonara. Arrependido, refizera o caminho de volta à vila. Ele era o galanteador forasteiro por quem Isabele se apaixonara. Demorara a encontrá-la, ouvidos atentos atrás do balcão a cada retalho de conversa, até saber do paradeiro da mulher solitária na mata. Custara encontrá-la e, mais ainda, obter o seu perdão. Da primeira gravidez, Isabele abortara. Aos poucos, a paixão reacendera e unira-os novamente, porém, agora, tinham de acautelar-se contra a gente do vilarejo. E a coisa passara a se tornar mais arriscada quando Manolito soubera do desafio estúpido entre os homens. Precisara tomar cuidado redobrado ao ir até a cabana levar mantimentos e remédios para Isabele. Agora, se faltara iniciativa em assumir a família no passado, as circunstâncias cuidaram de providenciá-la.

Manolito, Isabele — a "pura" — e a filha Clara — de "brilhante" ou, simplesmente, "luz" — construíram uma vida em comum em La Misericórdia. E prosperaram. A pureza e a luz venceram. Ele jamais pretendeu saber a origem daquela voz que lhe ordenara que disparasse sua arma.

Já na decadente vila de El Chismear, a cabana na floresta fora incendiada até as cinzas. Falaram de gemidos terríveis oriundos do interior das chamas. Alguns homens foram picados por serpentes; outros, atormentados por abelhas. Até o vento reavivara o fogo e asfixiara dois dos incendiários. Pesadelos assombraram o sono dos moradores por um mês inteiro.

Dona Guadalupe nunca mais pôde usar a língua, arrancada que fora por um tiro impossível, bochechas perfuradas, dentes destruídos. Impossível? Não para o espírito que protegia a floresta e fora atraído pelas lágrimas da criança.

Quanto a Pablo, terminou seus dias na sarjeta. Cirrose. Sua última palavra ao morrer foi: "Isabele".

As carolas remanescentes fofocaram e fofocaram.

Os homens tomaram suas doses de tequila.

Histórias de fantasma foram narradas.

As chuvas, enfim, retornaram.

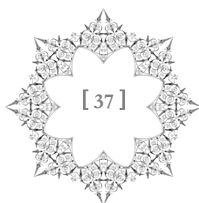
Os milharais cresceram.

O gado engordou.

Da memória fugidia ao esquecimento, dia chegou quando tudo prosseguiu na sua rotina diária como se nada de extraordinário tivesse um dia acontecido.

NOTA DO AUTOR:

História originalmente publicada na antologia “Leyendas Mexicanas” (Dark Books, 2020), organizada por Rozz Messias.





APRESENTAMOS O CONTO

TERRORES NA NOITE

POR SELMA LUANNY

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).



Por semanas, deixou-se ficar só. Seriam dias e noites numa habitação relativamente grande, numa terra estranha.

As horas claras dos dias desanuviavam-se nas atividades corriqueiras, quando a atenção involuntariamente era afastada das sombras.

Mas ao entardecer, os sopros das sombras que se aproximavam forçavam-na acima de tudo, a buscar por coragem e autocontrole.

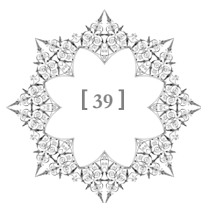
Olhava para trás constantemente e perscrutava o ar por qualquer ondulação ou ruído ao se deslocar de um cômodo para outro.

Era até fatigante entender que os seus pensamentos estavam sendo invadidos literalmente, pelas trevas.

E acima de tudo, trancava as portas atrás de si, ao se isolar no quarto para dormir. Então, procurava abandonar fantasmas ou almas penadas que, esperava, não fossem capazes de ultrapassar portas trancadas.

Tentava aceitar que toda aquela negatividade e apreensão fossem frutos do isolamento sobre a sua atividade sensorial e/ou nervosa, mas era uma atividade muito desgastante, que a consumia diariamente.

E cada noite era um teste a ser vencido.





APRESENTAMOS O POEMA

NA BOCA DO LEÃO

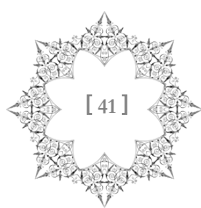
POR SELLMA LUANNY

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Festivais e festanças
que por ensurdecedores
- mesmo infernais -,
barulhos, que o limite
da tolerância, ultrapassam...
e mais frequentes continuam,
movidos e estimulados.

Parece que a qualquer
hora... todas
as bocas do inferno
foram abertas
e abençoadas...
Nem crianças, nem velhos
nem enfermos, respeitados...

E muito menos os animais.
Direito para reclamar
a ninguém, dado!
É o tempo do ogro
chegando e se instalando...
como se do avesso
tivesse o mundo virado.





APRESENTAMOS O POEMA

ERROS DE DIGITAÇÃO

POR SELMA LUANNY

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Selma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).



Pisquei e o traz virou trás.

O "x" e o "ch" dão-me dores de cabeça,

o "s" e o "z", azedam-me o estômago,

o "à" e o "a" drenam a minha energia.

A máquina trabalha fácil, rápido demais

até... e os meus dedos se embaralham.

Mas, mesmo sem intenção, o erro

as minhas pernas, "bambeia"...

Subjuga-nos, pune e vai-nos comandando,

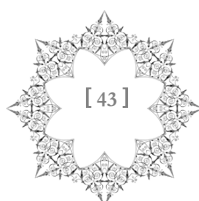
este idioma... tira-nos a fala... e desregulado,

o tónus. E pelas faltas, de joelhos,

a dobrar-me quantas vezes me condeno!

Mas, sou eu a incompetente

ou as bruxas estão soltas?





APRESENTAMOS O POEMA

ASSOMBRAÇÃO

POR SELMA LUANNY

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Deve ser isso...

assombrosa

misteriosa

incansável

a me cansar

e perseguir...

E eu a tentar fugir,

como se respirar

então incapaz...

presa pelas sombras

das horas... e pernas

que não se movem.

O temor da escuridão

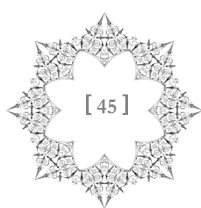
a noite a impor.

Na casa vazia

"cheia" de assombrações,

sozinha e trêmula

na minha expiação.





APRESENTAMOS O CONTO

BRUXA MAFALDA

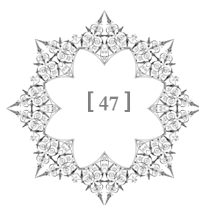
POR AMANDA DE SOUSA CORDEIRO

Amanda de Sousa Cordeiro é aluna do Ensino Fundamental II de escola pública do estado de São Paulo. Gosta de literatura e de Língua Portuguesa, mas como adora animais e tem vários no sítio onde mora, quer cursar Veterinária e ser uma grande médica um dia. Também gosta de escrever histórias e adora desenhar. Quem sabe em breve poderá ilustrar seus próprios contos narrativos...



Há muito, muito tempo, havia um reino muito distante onde habitava uma mulher muito velha, cujo nome era Mafalda, e por ser a habitante mais idosa daquele reino todos a chamavam de Bruxa Mafalda, porque ela era muito malvada. Com o passar do tempo sua reputação passou a ser temida por todos os habitantes daquele reino e devido à sua má índole, Mafalda passou a lançar maldições e a encantar a todos aqueles que ousassem desafiar seus poderes sombrios. Ninguém sabia ao certo de onde vieram seus poderes, mas desconfiava-se de que a velha era iniciada nas artes ocultas, embora ninguém pusesse comprovar. A bruxa passou a ser tão temida por todos, que era obrigada a viver isolada em uma alta e sombria torre no coração da floresta escura e neblinada. Ali a velha era servida por todas as criaturas do mal, que eram obrigadas a cumprir sua vontade, caso quisessem permanecer com vida. Devido à sua longevidade, seu rosto era todo cortado de profundas rugas e enormes verrugas, enquanto seus olhos de cor cinza cintilavam sempre que ela pensava em fazer algum tipo de maldade. Ela se alimentava da dor e do medo das pessoas e seu único prazer era ver o sofrimento alheio. Os habitantes do reino evitavam falar o nome de Mafalda em voz alta, temendo atrair sua ira. Alguns ousavam desafiar seus poderes para tentar se libertar, mas os poucos que tentavam enfrentá-la acabavam sucumbindo ao seu lado negro. Mafalda não conhecia a compaixão, seu coração era gelado. Ela se divertia ao ver a desgraça alheia, manipulando os destinos das pessoas com suas artes obscuras. Ninguém sabia ao certo de onde Mafalda viera, mas sua presença era um lembrete sombrio de que o mal sempre existirá no mundo. Mesmo os bravos cavaleiros temiam se aventurar em suas terras, sabendo que encontrar a bruxa malvada era sentença de morte.

Até que um dia apareceu na região um poderoso mago que corajosamente decidiu desafiar e enfrentar a bruxa para libertar o reino de suas maldades. As batalhas entre eles se arrastaram por cinco dias e no fim, Mafalda saiu vitoriosa. Sua vitória mostrou ao mago (e ao mundo) que não seria dessa vez que o bem venceria o mal...



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**